

OLHANDO A MEDUSA PELO REFLEXO DO ESCUDO: As imagens das pandemias nos manuais didáticos de história

LOOKING AT MEDUSA THROUGH THE SHIELD REFLECTION: The images of pandemics in history textbooks

Paulo Augusto Tamanini¹ - UERN
Ana Meyre de Moraes² - UFERSA

RESUMO

Medusa é utilizada neste artigo como uma metáfora para explicar a proposta deste escrito. Nos dispomos a analisar relatos de pandemias presentes nos livros didáticos de História pela perspectiva da imagem. Para tanto, utilizamos os saberes e fazeres da História enquanto área de pesquisa e de *seu modus operandi* de ler e interpretar o passado. Metodologicamente, promovemos um momento de discussão entre alunos, em ambiente virtual, com jovens estudantes do Ensino Médio de escolas públicas, sobre as ilustrações acerca das pandemias presentes nos livros de História. Analisar como os alunos interpretam os conteúdos visuais sobre as pandemias é um dos meios para entender como os atuais estudantes assimilam e reverberam as consequências da atual pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem; Pandemia; Ensino de história; Livros didáticos.

ABSTRACT

Medusa is used in this article as a metaphor to explain the purpose of this writing. We are prepared to analyze reports of pandemics present in history textbooks from the perspective of the image. Therefore, we use the knowledge and practices of history as a research area through its modus operandi of reading and interpreting the past. Methodologically, we promote a moment of discussion among students, in a virtual environment, with young high school students from public schools, about the illustrations about the pandemics present in the history books. Analyzing how students interpret visual content about pandemics is one way to understand how current students assimilate and reverberate the consequences of the current pandemic.

KEYWORDS: Image; Pandemic; History teaching; Didactic books

DOI: 10.21920/recei72021721334350

<http://dx.doi.org/10.21920/recei72021721334350>

¹Pós-Doutor em História (PNPD-CAPES/UFPR). Doutor em História (UFSC). Membro do *Athens Institute for Education and Research* (ATINER) e do *Athens Center for Classical & Byzantine Studies* (Atenas, Grécia). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino (UERN/UFERSA/IFRN). E-mail: professor@tamanini.com.br / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6963-2952>.

²Mestre em Ensino pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Docente da Secretaria Municipal de Educação de Baraúna -RN. E-mail: amevremoraes@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7394-0579>

INTRODUÇÃO

Medusa é uma das figuras mitológicas gregas mais conhecidas no Ocidente. Era uma mulher bela que seduziu Poseidon, esposo de Atena. Para vingar-se de traição com seu marido, Atena amaldiçoou e transformou Medusa em uma figura horrenda, com corpo e cabelos de serpente. Todas as pessoas que a olhassem em seus olhos, imediatamente ficavam hipnotizadas e, em seguida, petrificadas. A única maneira de olhar para Medusa e escapar da maldição era através de seu reflexo.

Medusa é utilizada neste artigo como uma metáfora para explicar a proposta deste escrito. Nos dispomos a analisar relatos de pandemias presentes nos livros didáticos de História pela perspectiva da imagem. A título de prudência, não desejamos olhar as pandemias diretamente, para não correr risco de ficar petrificados dado o horror das várias doenças decorrentes do delas. Outrossim, preferimos enxergá-las pelo reflexo trazido pela Historiografia, mais especificamente, trazido pelas leituras de imagens e que servem como anteparo de conclusões apressadas e parciais. O escudo capaz de produzir reflexo para enxergar as pandemias com mais largueza e imparcialidade será os saberes e fazeres da História enquanto área de pesquisa, com seu *modus operandi* de ler e interpretar o passado, servindo-se de métodos e corpo teórico específico acerca dos artefatos imagéticos.

Ocupando espaços nas páginas dos livros didáticos de História, as imagens, assim como os textos escritos, se arvoram em dar sua parcela de contribuição para o aprendizado de um passado. Por vezes, convidativas e interessantes, não é de hoje que as imagens atraem os olhares não só dos alunos e professores, como também dos pesquisadores porque veem nelas oportunidades para arguir sobre um passado, uma vez que as identificam como vestígios do acontecido. Quais fontes para a pesquisa e ensino, contudo, as imagens nos livros didáticos carregam saberes que se entregam à interpretação e à leitura dos outros, o que demanda qualificação, preparo e treino do olhar. Isto porque, como em toda análise textual, é preciso compreendê-las em sua significação.

Encontrado nos mais variados suportes e redes sociais, o número de imagens também é expressivo nos manuais didáticos. Por serem recortes de determinados tempos, lugares e de ações humanas, faz-se pertinente atentar principalmente para a tipificação e natureza dos conteúdos imagéticos presentes nos livros didáticos. Em casos não raros, veicula-se um grande número de imagens que reporta à violência, à brutalidade e à maldade, mas sem a sua devida arguição.

Não obstante, a violência não pode ser considerada como sendo exclusiva do agora. A cada período, ela se revestiu de várias formas e em diversos contextos: fome, guerras, conflitos, traições, dilacerações, aprisionamentos, deferimento de sentenças injustas, mortes etc. Registrado pela Historiografia, o exercício da violência tem se disseminado em vários espaços, alimentando a ideia de que muitas das ações humanas mais parecem um reflexo permanente de uma animalidade e de uma incivilidade não superadas.

Atualmente, com a propagação da pandemia em escala vertiginosa, em diversas parte do planeta, vivenciamos momentos de crise e de rupturas. O alastramento das diversas doenças decorrentes do COVID-19 nos faz refletir que a vida é tênue, frágil e que os seres humanos estão propensos às diversas suscetibilidades. Tal conscientização produz uma sensação de pavor, provoca alarme, opressão, que sufoca, que preocupa. Conforme pontuou Santog (1984), “a doença é o lado sombrio da vida, uma espécie de cidadania mais onerosa. Todas as pessoas vivas têm dupla cidadania, uma no reino da saúde e outra no reino da doença”. Ainda que sabedores de nossa fragilidade, quando a ameaça à vida se torna uma possibilidade real, a preocupação se

instaura, o instinto por sobrevivência grita, fazendo, por vezes, acordar em nós mecanismos nada ortodoxos para poder proteger a vida. Se o COVID-19 tem se mostrado devastador ceifando a muitos, instalando medo e a incerteza em todos, também escancarou que a sonhada solidariedade e fraternidade entre nós, talvez precise sair do papel, dos acordos, das campanhas e ganhar carne e pulso.

Se no passado, as imagens que dizem respeito aos surtos epidêmicos eram compreendidas como uma crença no castigo divino, hoje, as do chamado COVID-19 servem para reiterar nossas compreensões de um mundo globalizado, mas que é composto por pessoas com uma forte tendência ao individualismo. De igual modo, confirmam sobre quais pressupostos nossas relações sociais, políticas, religiosas, acadêmicas etc. se alicerçam, mostram nossas propensões, inclinações e instintos. Se antes, muitos olhavam para o alto e atribuíam as causas da permanência da pandemia às divindades, atualmente, olhamos para nós mesmos, atribuindo responsabilidades aos iguais, contabilizando em muitos casos nossa falta de destreza, capacidade de articulação, organização e preparo no enfrentamento das doenças graves. Disso decorre que vivenciamos uma espécie de globalização seletiva e excludente; não aprendemos ainda a pensar no todo, somente em alguns nichos de uma totalidade.

Para diagnosticar algumas impressões acerca das ilustrações das pandemias presentes nos livros didáticos de História, promovemos um momento de discussão entre alunos, em ambiente virtual, com jovens estudantes de escolas públicas do ensino médio, da cidade de Baraúna-RN. Auscultar sobre a forma como os alunos interpretam os conteúdos visuais sobre as pandemias do passado é um dos meios para se entender os estudantes assimiliam e reverberam as consequências da atual pandemia. “Quando utilizamos a linguagem verbal para falar sobre como lemos as imagens, não estamos impondo a elas um modo de ser que lhes é estranho, mas tratando de explicar os traços que as caracterizam na sua natureza de imagens” (SANTAELLA, 2012, p. 13).

O percurso metológico aplicado teve início em julho de 2020, quando agendamos encontros virtuais, por meio de videochamada no Whatsapp, com cinco estudantes do Ensino Médio que analisaram duas imagens presentes nos livros didáticos de História e duas viralizadas na internet cujo conteúdo abordava a Pandemia. Para a coleta e sistematização das informações (acordada a gravação pelos participantes), as falas foram transcritas e suas reações e expressões analisadas.

A título de conclusão, observamos que as imagens continuam sendo um artefato de ensino que produz interesses, encantamentos e que podem incentivar os alunos ao ingresso da pesquisa acadêmica. Outro ponto a ser considerado é que os entrevistados sentiram certa facilidade em fazer conexões, comparações, sabendo tecer suas críticas ao relacionar os conteúdos dos livros didáticos acerca das Pandemias com àquela que vivenciamos.

UM POUCO SOBRE AS IMAGENS DE TEOR VIOLENTO

De um dia para o outro, a vida em sociedade foi modificada em razão de um surto epidêmico que, de uma forma impetuosa, tem se alastrado e vem dizimando um grande número de vítimas em diversos países: a chamada COVID-19 - causada pelo coronavírus³, espalhando

³ Segundo o Ministério da Saúde, coronavírus diz respeito a um grupo familiar de vírus que provoca infecções respiratórias. Seu novo agente foi achado em dezembro do ano de 2019, mediante casos que foram registrados na China, provocando assim, a doença COVID-19, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 que expõe quadros clínicos sujeitos a variações de infecções, que podem ser assintomáticos ou quadro respiratórios graves. Sua transmissão se dar por meio de uma pessoa infectada pelo vírus para outra ou pela proximidade de um simples aperto de mão. Em razão disso, o isolamento social/domiciliar é considerado

uma espécie de síndrome gripal, impondo novas maneiras de viver em sociedade. O vírus se alastra, mostrando o quanto a violência pode ser sorrateira e silenciosa.

Independentemente de registros epidêmicos, a violência tem se feito presente no decurso da História, como assegura Muller (1995, p. 30): “na realidade, a violência apenas existe e age através do homem; é sempre o homem que é responsável pela violência”. E nesses contextos de pandemia, muitas são as formas de violências que geram outras formas de agressões. Pelo estudo da violência é possível se compreender o mundo, inclusive, a nós mesmos.

Se antes existiu o tempo em que a História doutrinava, hoje ela encoraja o desenvolvimento de um pensamento mais crítico da realidade. Para Fonseca (2009, p. 52):

A História busca compreender as diversas maneiras como homens e mulheres vivem e viveram, como pensam e pensaram suas vidas e a de suas sociedades, nos diferentes tempos e espaços. Ela permite que as experiências sociais sejam vistas como um constante processo de transformação, um processo que assume formas muito diferenciadas, produto das ações dos próprios homens.

Nesse prisma, as ações humanas de natureza violenta podem também estar representadas em documentos escritos e em documentos imagéticos. Se alguns escritos sobre o passado fazem reverberar as ações violentas, de igual modo também fazem as imagens. E que estas não sejam ignoradas enquanto forma de expressão, comunicação! “As imagens violentas utilizadas para a composição de narrativas acerca de um passado igualmente violento podem aproximar debates no presente sobre a própria violência, as diferenças, a falta de respeito pelo outro etc.” (MORAIS e TAMANINI, 2020, p. 101). Na mídia (internet, televisão, revistas e jornais), que veicula uma enxurrada de imagens que nos cercam diariamente, tornou-se fato corriqueiro a questão da violência.

Ainda sobre a violência na mídia, Wainberg (2010) afirma que existe uma luta contra a desatenção e sonolência das massas, dada à disputa pela atenção do público e pelos índices mais elevados de audiência. O predomínio do comportamento de desatenção frente à violência acaba causando, de certa forma, um malefício para a própria sociedade.

Mas não é só nos meios comunicacionais que se encontram conteúdos imagéticos violentos, como dito anteriormente; estão também presentes nas páginas dos diversos livros didáticos, e entre eles, em manuais de História. E por serem numerosas, passam despercebidas ou pouco discutidas em sala de aula. Cientes disso, muitos historiadores e profissionais de diversas áreas do saber estão envolvidos, preocupados em realizar estudos sobre a recorrência de imagens de cunho violento nos livros. Pesquisadores observam que as imagens de cunho violento trazem consigo informações não somente sobre o mundo em que estamos inseridos, mas dizem muito sobre quem o habita.

Enquanto o momento presente apresenta-se envolto em crise por causa da magnitude da pandemia, os registros imagéticos que dela se referem têm muito a mostrar. Diversas perspectivas, olhares diferenciados e abordagens distintas tentam compreender como a Pandemia é observada, analisada, compreendida e quais as consequências imediatas e a longo prazo que ela causa, não excetuando seu uso político.

uma das medidas de prevenção, além de outras que envolvem questões de higiene. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>> Acesso em 23 ago 2020.

Nem sempre a prática da violência inscrita na imagem se mostra explícita. Daí a importância de uma leitura meticulosa a fim de desvendar as entrelinhas dos textos imagéticos. Do ponto de vista de Manguel (2001, p. 27):

Quando lemos imagens - de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas -, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias (sejam de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável.

As imagens que flagram uma série de violações devem ser traduzidas, lidas, relidas, desanexadas dos contextos puramente ilustrativos para serem entendidas em suas realidades representativas da crueza da vida. Mas como entender as imagens em seus sentidos? Sobre a importância de uma leitura precisa e ressignificada dos conteúdos imagéticos, Santaella (2012, p. 13) assevera que:

[...] a alfabetização visual significa aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, sem fugir para outros pensamentos que nada têm a ver com ela. Ou seja, significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade.

Partimos, então, para a escuta das falas dos estudantes, observando o que eles pensam sobre as imagens de violência trazidas pelas pandemias e que ilustram algumas páginas de seus livros didáticos de História.

DIZERES, IMPRESSÕES E COMPARAÇÕES: PANDEMIAS DO ONTEM NA VOZ DOS DISCENTES.

“O momento que estamos passando mais parece um apocalipse, aquela imagem que tinha num livro de história, lembram? Com homens montados em cavalos, com espadas, arco e flecha nas mãos, tocando o terror nas pessoas...” (PARTICIPANTE ‘A’, 2020).

A imagem descrita pelo estudante ‘A’ diz respeito à uma cena do livro do Apocalipse que alude ao *fim dos dias*. Muitos artistas do período da Renascença se inspiraram em retratar o sagrado, o corpo humano, a vida cotidiana e o *fim dos tempos*, tendo como ponto de partida relatos bíblicos. Paradoxalmente, também nos livros sagrados há relatos e cenas de extrema violência.

A ilustração que o participante ‘A’ se refere pertence ao alemão Albrecht Dürer, nascido em Nuremberg, no ano de 1471, artista que debelava várias técnicas, tais como: Pintura a óleo, aquarela, desenho, xilogravura etc. Vejamos o trabalho que representa a expressão do artista:

Figura 1 – *Os quatro cavaleiros do Apocalipse*⁴



Fonte: Boulos Júnior (2013, p. 30).

As figuras humanas montadas em quatro cavalos parecem mostrar uma certa fúria. Os objetos carregados em suas mãos - espada, arco e flecha, balança, tridente- ajudam a pincelar a ira, o medo e o pavor. Outro grupo, citado na fala do estudante, é composto pelos corpos humanos inertes caídos ao chão, se referindo ao surto epidêmico da Peste Negra. Qual arma letal de destruição humana em massa, a Peste Negra assolou a Europa entre os anos de 1347 e 1352. Na época, muitos acreditavam que a devastação epidêmica seria um castigo divino e que tinha por finalidade punir a humanidade por conta de seus pecados. Não é difícil nos dias atuais, encontrar quem pense que enchentes, erupções de vulcões, fome, doenças, queda de granizo, furacões, terremotos, pandemias etc também sejam atribuídos à ira divina.

As pandemias ocorridas na história mudaram de nome, mas não a sua forma de devastação, tão pouco a maneira diversificada como é compreendida. O surto epidêmico de abrangência global é o que as define e a violência em todos os contextos sociais têm agido de

⁴ Albrecht Dürer, c. 1498. Gravura. Coleção particular.

maneira massacrante, deixando rastros de destruições. Embora existam diferenças de causa entre as pandemias ocorridas, o caos social instaurado se assemelha, porque altera profundamente os comportamentos e a forma de convivência com *os outros*. O temor da população perante a possibilidade de se contrair enfermidades cria uma verdadeira onda de tensão social.

Desse modo, embora a fala do estudante tenha sido sucinta, percebe-se a tentativa para contextualizar uma imagem por ele conhecida, relacionando-a ao momento atual. É preciso ressaltar que a imagem apontada pelo estudante foi vista por ele em um livro didático. E esse fato, torna-se relevante para se discutir, investigar, analisar, ponderar e pensar acerca dos impactos das imagens violentas que circulam em muitas páginas dos livros didáticos.

Dando sequência ao colóquio, outro estudante se pronunciou dizendo:

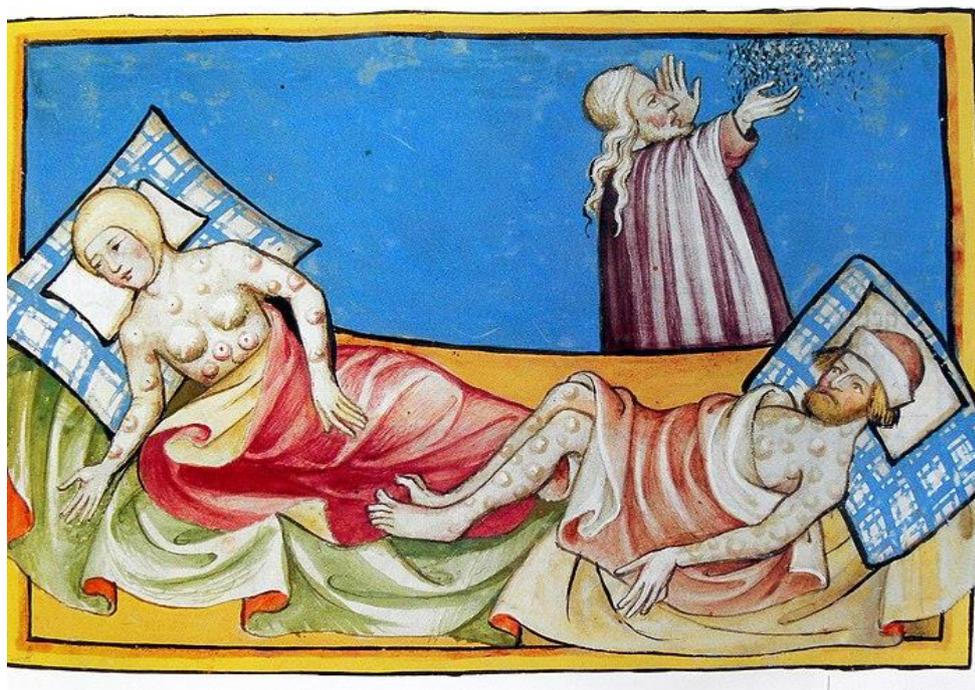
Eu lembro de uma imagem que tem um casal com o corpo cheio de bolhas, e um idoso em pé com as mãos levantadas, muito colorida até... que o professor mostrou numa aula sobre a peste negra. Hoje, precisamos ter fé, porque o coronavírus também é algo desconhecido, assim como foi no tempo da peste negra. As pessoas não sabiam com que estavam lidando na época e isso causava preocupação porque muitas pessoas estavam morrendo. Ajudar uns aos outros é importante, porque no clima que estamos, até a fé falta. Mas logo tudo isso vai passar... (PARTICIPANTE 'B', 2020).

O relato feito pelo discente 'B' parece ressignificar a imagem e a forma como descreve os elementos pictóricos contrapondo violência e à fé na tentativa de se vencer tragédias. Para Santaella (2012, p. 23-24):

A evolução da natureza programou o ser humano biologicamente de tal forma que ele teve de aprender o que lhe é vantajoso para a sua vida e sobrevivência. Como ocorre com os animais, a sobrevivência do ser humano também depende de coisas e signos reconhecíveis que lhe são de grande significado. Fomos programados a procurar objetos que nos são necessários e cujas configurações nos agradam mais do que outras. A nossa capacidade de reconhecer um objeto parece estar ligada à relevância biológica que ele tem para nós, o que faz que baste o objeto ter uma vaga semelhança para provocar uma reação positiva.

Desse modo, a fala do estudante parece aludir à figura humana de pé com as mãos elevadas, suplicando a Deus pelo restabelecimento da saúde do casal adoentado pela peste. Vejamos a imagem que se refere o estudante:

Figura 2 – Representação de um casal com peste negra⁵



Fonte: Faria et al (2010, p. 123).

Dentre os curiosos acontecimentos narrados pela historiografia, a imagem acima que aborda a Peste Bubônica ou Peste Negra, consta nos manuais didáticos de História. Num determinado momento do período medieval, tudo parecia caminhar bem, mas as narrativas sobre o fim do mundo não demoraram a aparecer: a fome, a guerra, a doença e morte se espalharam por toda parte da Europa.

A peste foi uma grande pandemia que alcançou uma escala alta de contaminação. Estima-se que populações inteiras foram dizimadas quando atingiu seu auge entre 1343 e 1353. Originada também na Ásia, confirma-se que tenha matado dezenas de milhões de pessoas na Europa e na Ásia. Quando parecia estar controlada, a Peste Bubônica se repetiu no século XVII, outra vez na Europa. Na época, as condições de higienização urbana eram um tanto calamitosas e veio contribuir para o alastramento da doença. Segundo Simoni (2007, p. 32):

A Peste Negra, ou Morte Negra, era assim chamada porque no seu desenvolvimento provocava hemorragias subcutâneas, que assumiam uma coloração escura no momento terminal da doença. A morte dava-se entre três e sete dias, depois de contraída a patologia, e levava de 75 a 100% dos acometidos. O bacilo causador da peste era transmitido pelo ar e pelo rato, por meio das pulgas. A penetração do bacilo na pele humana causava uma adenite aguda, que recebia o nome de “bubão”, principal sintoma da doença. Daí também o nome de *peste bubônica*.

A imagem não mostra as figuras humanas sendo atacadas, nem com semblantes amedrontados, mas com seus corpos tomados por bulbos, sintomas da doença. A violência estava presente na forma como o corpo respondia às agressões advindas da peste. Como a doença estava

⁵ Gravura do século XV. Coleção particular.

assolando a Europa, a propagação do vírus aumentava e continuava dando sequência a um ritmo de morte cada vez maior em razão de sua capacidade de contaminação, criando um verdadeiro cenário de temor, terror e caos. Simoni (2007, p. 32-33) colabora ainda dizendo que:

Os governos procuraram remediar a expansão do problema, mas as medidas eram dificultadas pela falta de higiene, população desnutrida e medicina pouco desenvolvida. As casas dos acometidos eram trancadas, mas frequentemente eram deixadas no mesmo espaço pessoas sadias e doentes. Muitos procuraram parar o avanço da morte queimando louro, *pinus*, folhas de limoeiro e outras, para vencer o odor dos cadáveres deixados ao longo das estradas. Alguns se propunham a queimar os pertences dos mortos, e talvez fosse essa a única medida verdadeiramente eficaz para combater a difusão da peste. Claramente, para os vivos, o isolamento era a melhor arma. Os mais abastados deixavam as cidades e se dirigiam para o campo para evitar o contágio.

A peste era conhecida desde a Antiguidade. Segundo os médicos daquele período, para evitar o contágio era preciso praticar a castidade, manter a sobriedade e a alegria, não dormir durante o dia, não permanecer excessivamente em lugares abertos, evitar a fadiga, manter as casas limpas e perfumadas com ervas aromáticas, comer alimentos substanciosos e de fácil digestão, beber vinhos brancos e claros.

No entanto, as consequências provocadas pela peste vieram somente a ser amortizadas mediante o impedimento da circulação de pessoas: o isolamento social foi um dos meios benéficos para se conter a epidemia que na época se alastrava.

Retomando a fala do estudante, ele apresenta uma imagem que em algum momento em sala de aula lhe foi útil como ferramenta para sua aprendizagem. Expressando ideias sobre o contexto da época que envolvia incertezas, preocupações, o discente certifica que na atualidade não é diferente.

De modo semelhante, em pleno século XXI, o atual surto epidêmico tem levantado uma forte onda de mortes provocada pela Pandemia do Corona Vírus - COVID-19, que mais parece desafiar a medicina, como também as organizações como a ONU (Organização das Nações Unidas), que se dizem responsáveis pelo mantimento da saúde dos povos. A vulnerabilidade humana é escancarada frente à ação do vírus que ataca o sistema imunológico provocando a morte de milhares, desencadeando problemas econômicos, desempregos, fome, desesperos e suicídios.

AS IMAGENS VIRTUAIS DA PANDEMIA NO SÉCULO XXI NO PENSAR DOS ESTUDANTES

Segundo Santos (2020), a epidemia atinge, na maioria das vezes, os mais fragilizados e pobres, os sem recursos, os sem voz e vez. Se alastrando em diversas partes do mundo, o surto viral do COVID-19 rapidamente fez com que a dita normalidade se evaporasse, modificou o comportamento das pessoas e grupos, gerou incertezas, desencadeou o medo, destronou aquilo que se pensava ser o progresso. De igual modo, fez com que a segurança e o direito de ir e vir acabassem sendo abalados, mediante regras de contenção e de circulação social. Comportamentos e normas de convivência foram recriados e outros repensados em razão da ameaça e letalidade do vírus. Uma nova reestruturação das relações pessoais, familiares e grupais

se impôs, causando desconforto e desconfianças. O *outro* passou a ser uma real ameaça à integridade e à saúde de cada um.

Como no passado, esses momentos difíceis que estamos passando ficarão registrados e serão vistos, no futuro, também por meio de imagens, como componentes de ensino nos manuais de História. E assim como as imagens de épocas passadas, as atuais terão muito a dizer sobre o momento que estamos vivendo. Como se pronunciou o participante 'C' (2020):

Penso que essa pandemia, como fator evidente, veio para ensinar a humanidade a dar valor ao que realmente importa. O real sentido de que nossas vidas são únicas e valiosas. Também sobre a importância de se cuidar e cuidar das pessoas que amamos. E cada dia vemos imagens e mais imagens que são fortes. A mesma cena, mas de jeitos diferentes, das pessoas morrendo nos hospitais, de velórios com pessoas tristes, sabe... elas apresentam um vazio...é muitas pessoas morrendo. A gente sabe que hoje as fotos têm muito filtro, mas não deixam de mostrar o que está acontecendo.

A imagem como um fragmento do experienciado servirá, no futuro, também como um rastro do acontecido, um documento e que, à Pesquisa, servirá de fonte. As imagens da Pandemia parecem provocar impressões nos espectadores, não só pela tristeza do momento causada pelas perdas de familiares, amigos e vizinhos, levados de forma tão repentina, mas também pela falta de perspectivas.

Muitas imagens acentuam o medo, as tristezas, as dores, as incertezas como consequências violentas da pandemia. Como apresentou um outro participante:

Gente, eu penso que a imagem dessa pandemia que considero assim, muito forte, é uma que estive em jornal, *facebook*, rede social, tudo... foi assim, uma imagem que viralizou mesmo. Ela é muito angustiante, ela mostra uma grande quantidade de covas abertas à espera das vítimas dessa pandemia, gente isso é loucura, eu pensei... nós não estamos acostumados a ver isso, nem mesmo nos filmes de terror. Eu fiquei praticamente paralisado, pensando um monte de coisas. Até mesmo pensando de como é que deve ter ficado o psicológico dos próprios coveiros, muito embora seja esse o trabalho deles, enterrar pessoas. Eles são profissionais que também estão abalados, sua saúde psicológica diante dessa catástrofe os deixarão tão abalados quanto nós. Não vou negar, eu sinto muito medo e as vezes penso que tudo isso que estamos vivendo é um terrível pesadelo. Essa imagem ficou marcada na minha mente e acredito que também na mente de muitas pessoas. Se ela for colocada num livro é capaz da sensação que eu sentir, outros jovens sintam também... não gosto dessa imagem, ela amedronta muito, quem registrou essa imagem quis realmente chamar a atenção das pessoas, a imagem choca mesmo, e olha que faz dias que vi essa imagem. Eu nunca havia parado, olhando tanto tempo assim, se eu ficar muito tempo olhando pra ela, gente eu choro (silêncio...). (PARTICIPANTE 'D', 2020).

O estudante 'D' de imediato expressou comoção ao ver a imagem. O que foi mostrado pela imagem pareceu agir de modo perturbador, a ponto de ele perceber que, para além das vítimas, havia profissionais que estavam na linha de frente, sofrendo os primeiros impactos da ação das doenças provadas pela pandemia.

Quando a ação da violência é retratada através de imagens fotográficas por exemplo, facilmente afetará seus espectadores. Isto porque, as imagens de cunho violento não só registram

o momento, mas “provocam incômodos e inconformidades, em virtude de sua carga de conteúdo” (MORAIS e TAMANINI, 2020a, p. 13).

O fotógrafo, ao fazer um registro do real, confere materialização de um instante que irá percorrer caminhos próprios. Como aponta Kossoy (2001, p. 45) a fotografia passa por estágios que marcam sua existência: ela tem passado, mas trilha também seu futuro.

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram sua existência. Em primeiro lugar houve uma *intenção* para que ela existisse; esta pode ter partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar determinado tema do real ou de um terceiro que o incumbiu para a tarefa. Em decorrência desta intenção teve lugar o segundo estágio: o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia. Finalmente, o terceiro estágio: os caminhos percorridos por esta fotografia, as vicissitudes por que passaram, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que a guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram. Neste caso seu conteúdo se manteve, nele o tempo parou. As expressões ainda são as mesmas, apenas o artefato, no seu todo envelheceu.

A imagem de que se refere o estudante ‘D’- e que também foi uma das que viralizou nas redes sociais e jornais-, se trata da cena em que uma retroescavadeira abre valas para servir de sepulturas coletivas, no Cemitério de Vila Formosa, em São Paulo, no dia 18 de abril de 2020. Naquela data, os efeitos da pandemia se acentuaram e o órgão de gestão municipal se preparava para atender a grande demanda de sepultamentos das vítimas decorrentes pela Covid-19. A imagem enquadrou um momento lamentável pelo qual passou o Brasil e que publicizou a dificuldade do país em conter os contágios

Figura 3: *Coveiros no cemitério Vila Formosa, em São Paulo*⁶



Fonte: Amanda Perobelli/ Reuters

⁶ Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-03/cemiterio-em-sao-paulo-a-foto-que-jamais-gostaríamos-de-publicar.html>>. Acesso em: 06 ago 2020.

Sobre a situação de calamidade em que se encontra o país, outro estudante diz:

Penso que esse momento que estamos passando é um momento de muita calamidade. A imagem daquelas cruzes com bandeiras do Brasil, na praia do Rio de Janeiro, diz muito sobre o tanto de sentimento de tristeza tá existindo. Aquelas cruzes não representam apenas números, estatísticas não... ali representam vidas que se perderam. E cada pessoa pertencia a uma família, tinham sonhos. A imagem mostra essa dor e chama a atenção para a quantidade de famílias que estão sofrendo. Esse protesto aconteceu para chamar a atenção das autoridades que mais parecem fingir que a pandemia não se agravou. Essa imagem também poderá ser colocada nos livros para falar sobre a indignação sentida pelo povo. E sinceramente, é muito triste ver um monte de cruzes, é triste tudo que está acontecendo, eu tanto tenho medo de morrer, como tenho medo de perder minha família... sinto medo que isso não acabe. Essa imagem assusta... (PARTICIPANTE 'E', 2020).

Se a fala anterior tratava de uma cena em que sepulturas estavam sendo abertas em grande quantidade, outros conteúdos fotográficos foram viralizados nas redes sociais e que reforçaram a carga simbólica da tragédia. A cena a que se refere o estudante 'E' também avigora como o momento atual fora traduzido e, que por si, tornou-se causador de outros tipos de violência, como os sofrimentos psicológicos.

Figura 4: *Manifestação da ONG Rio da Paz, na Praia de Copacabana*⁷



Fonte: Erbs Jr./Framephoto/Framephoto/Estadão conteúdo

Cruzes nuas, cruzes cobertas por bandeiras brasileiras, outra vez valas abertas -mas agora, na areia da praia-, faziam parte do enquadramento de um protesto, promovido pela ONG *Rio*

⁷ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/album/2020/06/11/ong-abre-covas-simbolicas-em-copacabana-para-lembrar-vitimas-da-covid-19.htm?mode=list&foto=2>>. Acesso em: 06 ago 2020.

da Paz, face à quantidade de mortes de brasileiros, no dia 10 de junho de 2020, quando o total de mortes pelo COVID-19 somava 40.000, segundo levantamento realizado pelo consórcio de veículos de imprensa (Estadão, G1, O Globo, Extra, Folha e UOL) junto às secretarias estaduais de Saúde do país.

Portanto, as imagens vistas pelos estudantes nas redes sociais reatualizaram aqueles cenários apocalípticos da Idade Média trazidos pelos livros didáticos de História, apontando desta vez, também as irresponsabilidades de alguns gestores. Weinberg (2010) no ensaio “*Mídia e violência: a luta contra a desatenção e a sonolência das massas*” reflete sobre a manipulação dos meios de comunicação sobre um determinado fato. Sua perspectiva é que olhemos para além do enquadramento da imagem fotográfica (que é sempre muito subjetiva e tendenciosa) e que abramos os perímetros das lentes objetivas para observar com mais amplitude os cenários e, desta forma, exercitar-se em leituras mais completas.

As imagens extraídas dos livros didáticos de História e outras que viralizaram na internet foram apenas fragmentos que demonstraram o quanto a pandemia foi e continua sendo causa de violências. Contudo, *por causa de e no contexto da* atual Pandemia, outras formas de agressões, abusos, apropriações indébitas contra o bem público foram orquestradas: irregularidades, fraudes, superfaturamentos de equipamentos, insumos e serviços de saúde. Infelizmente, o surto do COVID-19 escancarou a realidade que, quando desonestos e corruptos, os seres humanos podem ser causadores de violências e de mortes tanto quanto ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A figura mitológica da Medusa nos auxiliou a entender as imagens acerca das Pandemias que apareceram no decurso do tempo. Como no mito, muitas das pandemias desapareceram ou foram esquecidas. No caso de Medusa, existiu a figura do herói Perseu que a decapitou. Perseu sabia que quem olhasse para Medusa morreria petrificado. Para matá-la, Perseu recorreu à uma certa estratégia e não falhou. Precisou de uma combinação de tempo, cálculo e momento certo para agir.

Se no passado, houve o surgimento de pandemias provocadas por ações virais e/ou por bactérias, na atualidade sofremos com mais uma; logo, não é difícil intuir que, no futuro, a humanidade será de novo, alvo de outras. O curto intervalo do aparecimento de diferentes tipos de vírus, nos alerta sobre tal probabilidade. Parece que a humanidade está ameaçada!

As figuras de Medusa e de Perseu nos ensinam que é insuficiente apenas diagnosticar, noticiar e certificar-se da alta probabilidade de recorrência do surgimento de outros vírus letais; então, torna-se urgente a capacitação, o preparo, a precaução e investimentos em pesquisas e ciência. Afinal, não se vence uma pandemia pela lábia, pelo discurso de natureza política ou religiosa, ficando inertes ou passivos e sem o uso de investimentos.

Mas, se no Período Medieval as pessoas acreditavam na existência de um Deus como sendo um ser todo poderoso e que tudo resolvia, na atualidade, alguns alimentam a falsa ideia de terem se tornado um, não reconhecendo o mundo de uma forma sistêmica, ou seja, que precisamos uns dos outros e precisamos de investimentos em pesquisas e recursos. A falta desse entedimento provavelmente é uma das questões que mais tem contribuído para o crescimento do descontrole e do caos social. A desorganização política e de gestão gera incontáveis embates, mas o que vibra como estranho são os conflitos que emergem entre as pessoas em disputas, deixando que a pandemia se alastre, ganhe terreno e desencadeie outros tipos de violências.

O contexto de referência das imagens aqui apresentadas ilustra a falta de sensibilidade com a preservação da vida coletiva que tanto a História, como área de conhecimento, tem

alertado com seus escritos e conteúdos iconográficos. Nas pesquisas e ensino, o uso de imagens tem sido abrangente, permitindo que homens e mulheres se enxerguem em suas capacidades de superação, resiliência, luta e resistência. As milhares de imagens que circulam nas redes sociais evidenciam a bravura de muitos que se doam para poder salvar vidas, apesar de tantas adversidades: médicos, enfermeiros, técnicos, auxiliares, servidores públicos da saúde etc. Elas demonstram que, se há os corruptos, aproveitadores da dor alheia, se há os oportunistas, os conteúdos imagéticos viralizados revelaram também que há os *Perseus*, os heróis (muitas vezes, anônimos), os que não mediram esforços para dar dignidade a milhões de adoentados e vítimas da pandemia. Muito provavelmente, no futuro, nos novos manuais didáticos de História, os novos *Perseus* da atualidade (médicos, enfermeiros, pesquisadores, técnicos, voluntários etc.) aparecerão como referências e modelos de doação.

Se na Idade Média, os acometidos pelas doenças contavam somente com a intervenção divina, na atualidade, se valem também dos saberes da ciência, dos estudos e resultados de pesquisas dos mais diversos laboratórios e indústrias farmacêuticas e epidemiológicas. A fé em Deus não foi suplantada. Pelo contrário, aqueles que se exercitam na fé no Transcendente acreditam que os meios de superação estão postos, como dádivas já recebidas, bastando fazer uso delas.

Este escrito demonstrou que existem imagens de violência nos manuais de História. Por vezes, como vimos, são inquietantes, explícitas, que despertam sensações de angústias e que influenciam no processo de ensino aprendizagem dos alunos. Ainda assim, elas constam nas páginas dos livros, cabendo ao professor, disso falar com seus alunos. Ir além de uma simples observação, tomar contato com elas e sobre elas levantar questões, é atentar para a importância que a imagem possui como conteúdo de ensino e preparo para o enfrentamento dos desafios. Afinal, a vida não é somente um mar de rosas!

As imagens de violência carecem de olhares curiosos, capazes de desvendar, interrogar, produzir discussões sobre as razões de existir comportamentos de desordem, repulsivos e cruéis para buscar alternativas de melhores convivências sociais. Discutir sobre as imagens da pandemia na história e suas violências, foi um ponto destacado sobre o quanto é importante lembrar que, no mundo, milhares de homens e mulheres já passaram por algo semelhante e sobreviveram.

As falas dos estudantes que foram aqui apresentadas também demonstraram que os entrevistados se atentaram do quanto as imagens são detentoras de saberes, mas também propulsoras para o feitio de novas pesquisas. Eles assinalaram os recortes imagéticos como sendo representações de um longo período de aflição e como são interpretados pelos seus respectivos leitores. Foi observado ainda, que os estudantes ao focarem nas imagens, expandem a capacidade interpretativa acerca da pandemia provocada pelo vírus e suas variantes.

Importante salientar a função acadêmica e a repercussão social da História. Quando os alunos comparam as impressões das pandemias do passado com as que vivenciamos na atualidade, a História cumpre seu papel de *presentificação* e desmonta o equivocado entendimento que o ensino de História não tem serventia para as escolas ou para o cotidiano dos alunos. Ora, comparações são inerentes às checagens, são um modo de se fazer pesquisa, são, outrossim, um ato de investigação e um passo para construção de outros saberes! Deste modo, estudar História, fazendo uso de textos escritos ou imagéticos, é arvorar-se no mundo da construção de conhecimentos acerca de um passado, observando como os saberes se interconectam com o presente e como influenciam no dia a dia de alunos e professores. Estudar História não é olhar a vida pelo retrovisor sentindo saudades do tempo que já se foi e fazer juízo de valor entre o já vivido e o momento em que se experencia o existir. Por certo, ainda que sintamos saudades de tempos passados, o momento presente é que nos dá possibilidade de

reinvenção, recriação, fazer de novo, tentar de novo. Logo, o passado nos auxilia a não perder tempo!

Outras pandemias existiram. A Gripe Espanhola por exemplo, ceifou mais de 33 milhões de pessoas, em 1918, e que, na atualidade, permanece como um episódio lembrado em apenas em alguns manuais de História. Será preciso então, outra vez, recorrer à História, fazer uso da memória, dar-se conta dos dados e lançar mão dos estudos, revolver as experiências para com elas aprender e tirar lições para o enfrentamento dos desafios que estão por vir. Afinal, a Medusa permanece à espreita, pronta para dar o bote, na imediatez das surpresas.

A História ensina que em casos de pandemias, a capacidade de se prever o futuro não se sustenta e é limitada, sendo importante se ater às observações de fatos e de dados para então, prospectar e referendar ações futuras e conjuntas com organismos internacionais, gestores, cientistas, médicos, laboratórios de pesquisa, com um mínimo de lastro de confiabilidade. Afinal, em um mundo globalizado, a cooperação mútua, os princípios de solidariedade e de ações compartilhadas, a rapidez das comunicações, o uso das tecnologias avançadas que favorecem a descoberta de imunizantes, por exemplo, são aspectos que em pandemias anteriores não eram possíveis.

Portanto, por mais que a violência seja um dos mais delicados e sensíveis temas para se abordar, nas áreas de pesquisa e ensino terá seu lugar e importância reconhecidos. Em última instância, estaremos falando, discutindo, descrevendo e investigando sobre as ações humanas frente aos desafios que se postam. Outra vez, o papel da educação histórica, da formação continuada e do Ensino tornam-se indispensáveis para o construto e a redescoberta do ser humano em sua inteireza. A consciência histórica nos permite enxergar os limites humanos, expostos tantas vezes nos acontecimentos narrados, e que nos permite observar que estamos expostos à vulnerabilidade da existência, que estamos à mercê também das respostas da natureza face a tantos descasos de exploração. Por outro lado, a História como área de pesquisa e ensino evidencia a capacidade humana de superação e luta pelos direitos à pesquisa, pelos ideais, pela dignidade e respeito ao diferente. Também instrui homens e mulheres no exercício de suas reflexões acerca de fatos, impressões e que colaboram para o discernimento do que seja a experiência histórica à luz e a serviço dos desafios atuais.

A violência trazida pelas diversas pandemias e que foi o objeto deste escrito quis abordar não somente dores, os efeitos catastróficos trazidos pelas doenças, mas tematizar como nossos alunos interligam os acontecimentos, relacionam impressões, tecem seus pareceres e comparam posturas e fatos.

De igual modo, a temática acerca da violência trazida pelas doenças decorrentes de pandemias, usada como pano de fundo para algumas reflexões, serve igualmente para nos alertar sobre a importância dos conteúdos imagéticos veiculados nos livros didáticos. As imagens que antes, aparentemente serviam somente para ilustrar textos escritos nos livros didáticos, agora, levantaram questões pertinentes e fizeram acordar nos alunos entrevistados o interesse pelos registros iconográficos, pelas ilustrações porque compreendidas como fontes promissoras de pesquisa e ensino.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Mário Jorge da Motta. **O poder nos tempos da peste: Portugal - séculos XIV/XVI**. Niterói: EdUFF, 2009.

BÍBLIA, N. T. Apocalipse. In: **Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamentos**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada 2ª ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História sociedade & cidadania: 2ª ano - Ensino Médio**. 1ed. São Paulo: FTD, 2013.

FARIA, Ricardo de Moura; MIRANDA, Mônica Liz; CAMPOS, Helena Guimarães. **Estudos de História**. 1 ed. São Paulo; FTD, 2010. (Coleção estudos de história; Ensino Médio v. 1).

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. Tradução de Rubens Figueiredo *et al.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAIS, Ana Meyre; TAMANINI, Paulo Augusto. **O Ensino e as imagens de violência. Da margem ao protagonismo nos livros didáticos de História**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

MORAIS, A. M.; TAMANINI, Paulo Augusto. Imagens de violência contra crianças: o que os alunos de História pensam sobre estas ilustrações? *In: Metodologias ativas: teoria e prática no ambiente escolar*. Wellington Júnior Jorge (Org.). Maringá, PR: Uniedusul, 2020a.

MULLER, Jean-Marie. **O princípio de não-violência: percurso filosófico**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

PARTICIPANTE 'A'. 16 anos, sexo feminino, Estudante do 2º ano do Ensino Médio. Atividade realizada em 15 de julho de 2020. Acervo dos autores.

PARTICIPANTE 'B'. 17 anos, sexo masculino, Estudante do 3º ano do Ensino Médio. Atividade realizada em 15 de julho de 2020. Acervo dos autores.

PARTICIPANTE 'C'. 18 anos, sexo masculino, Estudante do 3º ano do Ensino Médio. Atividade realizada em 15 de julho de 2020. Acervo dos autores.

PARTICIPANTE 'D'. 17 anos, sexo masculino, Estudante do 3º ano do Ensino Médio. Atividade realizada em 15 de julho de 2020. Acervo dos autores.

PARTICIPANTE 'E'. 17 anos, sexo masculino, Estudante do 3º ano do Ensino Médio. Atividade realizada em 15 de julho de 2020. Acervo dos autores.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

WAINBERG, Jacques Alkalai. Mídia e violência: a luta contra a desatenção e a sonolência das massas. In: ALMEIDA, Maria das Graças Blaya. (Org.) **A violência na sociedade contemporânea**. Dados eletrônicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

SIMONI, Karine. De peste e literatura: imagens do *Decameron* de Giovanni Boccaccio. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, p. 31-40, jul. 2007. ISSN 2175-7917. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5447/4882>>. Acesso em: 28 set. 2020. doi:<https://doi.org/10.5007/%x>.

SANTOG, Susan. **A doença como metáfora**. Trad. Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

Submetido em: março de 2021

Aprovado em: junho de 2021